PAULO FREIRE E A REFORMULAÇÃO DO PROFESSORADO: UM NOVO OLHAR PARA O PAPEL DOCENTE

ELIANE DE HOLANDA DA SILVA MAGALHÃES

RESUMO

O cenário educacional passa por transformações constantes uma vez que compreende-se que o acesso ao conhecimento representa uma das formais mais viáveis de possibilitar que o indivíduo se desenvolva plenamente. Neste contexto, o presente estudo teve como objetivo estudar a proposta da Educação Libertadora de Paulo Freire e a reformulação do professorado com as suas práticas. Para isso, foi desenvolvido um estudo de cunho bibliográfico. Os resultados mostraram que Paulo Freire foi um contribuinte muito importante para mudar a visão da educação centralizadora e mecanicista, um vez que este evidenciou a necessidade do aluno ser autor de sua própria história, transformando a sua vida a partir do acesso ao conhecimento. Para isso, Paulo Freire mostrou que a educação deve ser explorada a partir do meio social onde os indivíduos estão inseridos e a aprendizagem deve transcender os muros da escola. Concluiu-se que a educação libertadora, embora tenha sofrido algumas críticas, representa um novo olhar para o que se entende sobre aprendizagem e desenvolvimento humano, mostrando que a educação é um processo constante e o produto final, que é a aprendizagem, deve ter aplicabilidade no cotidiano de cada um, a fim de transformar a vida destes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Libertadora; Paulo Freire; História da Educação.

1 INTRODUÇÃO

Compreende-se que o acesso à educação representa uma das maiores medidas para que o indivíduo exerça plenamente a cidadania e torne um sujeito ativo, crítico e reflexivo no meio onde está inserindo, transformando a sua realidade constantemente. Neste contexto, destaca-se a visão da Educação Libertadora de Paulo Freire, que teve grande contribuição para que as propostas educacionais, sobretudo no processo de alfabetização, fossem mais acessíveis e contemplassem a realidade social de cada educando, oferecendo um novo significado à educação brasileira.

Neste contexto, o estudo justifica-se em razão da necessidade de compreender o desenvolvimento da História da Educação Brasileira durante a década de 60, onde Paulo Freire se tornou referência após desenvolver uma revolucionária proposta de alfabetização a Educação Libertadora.

Assim, a importância deste trabalho é estabelecer uma estrutura comunicativa e informativa para os acadêmicos agregarem mais conhecimento da História da Pedagogia do Brasil com enfoque nas teorias de Paulo Freire. Com isso, a pergunta norteadora do estudo é: Aponta-se então, como problemática deste estudo: Qual é o papel da Educação no ponto de vista de Paulo Freire?

O presente estudo teve como objetivo geral estudar a proposta da Educação Libertadora de Paulo Freire e a reformulação do professorado com as suas práticas. E os objetivos específicos foram: estudar brevemente a biografia de Paulo Freire, compreender as características da sua Pedagogia e, por fim, refletir sobre as suas contribuições para novas perspectivas do professorado de uma educação igualitária e justa.

Trata-se de uma pesquisa de revisão da literatura, utilizou-se a bibliografia de livros e

artigos científicos disponíveis nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, com publicações, de aproximadamente, dos últimos vinte anos. Justificam-se os descritores que serão sobre: a História da Educação, Educação Popular, Educação Libertadora e Métodos freirianos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. PAULO FREIRE

Dentre os grandes colaboradores para uma Educação de qualidade, destaca- se Paulo Freire, devido à amplitude com que olha o processo de ensino aprendizagem e a forma como considera as peculiaridades do público, tornando a aprendizagem algo palpável e alinhada à realidade de cada um. Assim, este primeiro capítulo destina-se a apresentar brevemente a sua vida e trajetória, para posteriormente compreender o seu impacto na educação.

Paulo Reglus Neve Freire, nascido em Recife no dia 19 de Setembro de 1921, foi um Pedagogo e Filósofo com extrema contribuição para a educação brasileira. Foi alfabetizado por sua mãe e passou muitas dificuldades financeiras devido à morte de seu pai e crise econômica instalada no ano de 1929. Ainda muito cedo, passou a desenvolver interesse pela área da educação, sobretudo a língua portuguesa.

Embora a fase de escolarização tenha sido difícil devido as dificuldades financeiras, conseguiu cursar a faculdade de Direito, mas não seguiu carreira, pois optou pelo Magistério e, certamente, as dificuldades vividas devido à sua classe social, fez com que desenvolvesse um olhar mais crítico para esta camada da população que sofre com a ausência de oportunidades.

A Educação para Freire se faz uma Pedagogia crítica-educativa, não como modelo tradicional que dita regras, mas algo libertador por parte do educador e educando, seria um modelo educativo capaz de libertar o homem na condição em que vive na situação de opressão, especialmente às camadas mais pobres da população que tende a ser mais excluída, possibilitando torna-lo um sujeito pensante, crítico e capaz de mudar a realidade em que se insere na sociedade (BRANDÃO, 2001, p. 13).

Durante a sua vida, lecionou, dirigiu departamentos de instituições educacionais e foi também secretário municipal da educação. Especialmente no ano de 1960, em Recife, foi iniciado o programa MCP (Movimento de Cultura Popular), onde o ideal da campanha era criar escolas para o povo, alfabetizando e elevando o nível cultural dos mesmos e criando novas estruturas de ensino, porque para Paulo Freire as estruturas utilizadas na educação de jovens e adultos era a mesma utilizada para a alfabetização das crianças, o que pode-se considerar pedagogicamente incorreto (CORTELLA, 2011).

Neste sentido, Freire (2011, p. 170) afirma que: "[...] para que a ideia de alfabetização ganhe significado, deve ser situada dentro de uma teoria de produção cultural com transformação do significado".

Assim, entende-se que os conteúdos escolares devem estar intimamente associados ao meio social e cultural do indivíduo para que a aprendizagem seja de fato significativa.

No entanto, conforme Haddad e Pierro (2000) citam, devido ao Golpe Militar no ano de 1964, os movimentos educacionais e culturais foram censurados, inviabilizando a continuidade das propostas.

No respectivo ano foi criado o programa CPC (Centros Populares de Cultura) que trabalhava na mesma finalidade, trazer a cultura como artes, música e historia para aprimorar o conhecimento da sociedade tornando um povo mais critico, e pelo mesmo motivo do MCP o programa chegou ao fim em 1964. (HADDAD E PIERRO, 2000).

Ele desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político e por isso foi tão censurado na fase da Ditadura Militar. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação (HADDAD E PIERRO, 2000, p. 16).

Devido a este período, Paulo Freire viveu no exílio em países como Chile e Suiça e chegou a ficar preso por cerca de dois meses, no entanto, continuou produzindo inúmeros materiais no campo educacional, como por exemplo, a Pedagogia do Oprimido (lançada em 1969) e só retornou ao Brasil no ano de 1979.

Embora o período da Ditadura Militar tenha limitado a realização dos projetos educacionais de Paulo Freira, a sua contribuição para a educação é inegável, uma vez que as suas obras foram traduzidas em mais de 20 idiomas. Mesmo após a sua morte, ano de 1997, seus feitos continuaram sendo estudados e até uma obra foi lançada, com o auxílio de sua esposa.

O livro intitulado "Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos", trata-se de uma obra que reúne textos de Paulo Freire ao longo de sua carreira.

Cabe ressaltar que tais textos foram reunidos por sua esposa, Ana Maria Freire, entre os anos de 1996 a 1997, com ricas contribuições a respeito da Educação. Assim, o livro é dividido em duas partes, como evidenciado no subtítulo, sendo estas: as cartas pedagógicas e outros escritos.

Conforme evidenciado por Ana Maria Freire, no ano de sua morte, 1997, Paulo Freire tinha muitos escritos e projetos em prol da Educação, sendo este o motivo da publicação do livro após seu falecimento, considerando que o referido autor viveu buscando meios para melhorar as práticas educativas nas escolas brasileiras (FREIRE, 2000).

Nas cartas Pedagógicas, Freire (2000), faz inúmeros desabafos com fatores muito pertinentes que o incomodam nas práticas de ensino. Primeiramente aponta as mudanças tecnológicas que aceleram uma série de ocorrências que não são consideradas no processo educativo, tornando a escola defasada e cada vez mais distante do aluno, quando na verdade deveria ser o contrário.

Ao estudar a vida e obra de Paulo Freire, Cortella (2011) mostra que há uma grande critica sobre as propostas de ensino tradicionais são bem evidentes, visto que o autor considera a necessidade de uma mudança que faça o aluno autor de sua própria aprendizagem.

Paulo Freire critica os métodos tradicionais de ensino, justificando, inclusive, o fracasso na alfabetização. Para ele, tais métodos, não realizam o " todo" de uma alfabetização, ou seja, formam apenas decodificadores. Dessa forma, muito mais que formar um indivíduo que escreva adequadamente e promova avanço nos mais diversos índices citados, é preciso formar indivíduos pensantes e críticos, que façam uma leitura do mundo e que transformem seu próprio mundo, abrindo novos caminhos (CORTELLA, 2011, p. 61).

Em sua visão, por muito tempo, o professor foi considerado o detentor de todo o saber, enquanto o aluno, mero receptor de conhecimento, com um papel altamente passivo, incoerente com o cidadão questionador, lutador e ativo que deve ser formado para gerar as transformações necessárias em nosso mundo.

Para o Freire (2000), é certo de que a Educação precisa formar para o mundo, sendo assim, é incoerente formar indivíduos que apenas acatam e pouco questionam. Estes, certamente, serão os mais enganados e sofredores ao longo da vida, seja através das condições indignas de trabalho ou até mesmo no raso posicionamento político.

[...]capaz de formar pessoas críticas, de raciocínio rápido, com sentido do risco, curiosas, indagadoras não pode ser a que exercita a memorização mecânica dos educandos. A que "treina", em lugar de formar. Não pode ser a que "deposita" conteúdos na cabeça "vazia" dos educandos, mas a que, pelo contrário, os desafia a pensar certo [...]. Uma educação em que a liberdade de criar seja viável necessariamente tem de estimular a superação do medo da aventura responsável, tem de ir mais além do gosto medíocre da repetição pela repetição, tem de tornar evidente aos educandos que errar não é pecado mas um momento normal do processo gnosiológico. (FREIRE, 2000, 54).

Neste sentido, o referido autor também explora sobre a Educação de Jovens e adultos, campo este, que possui imensa contribuição ao longo de sua vida, justamente por ter evidenciado um ideal transformador, mostrando que as práticas devem ser alinhadas a realidade destes educandos.

Freire (2000) caracteriza ao longo de suas contribuições literárias, este público como "oprimido" pois embora os motivos da falta de acesso aos estudos podem não ser os mesmos, todos possuem uma vida pautada pela exclusão de oportunidades, e compõem um meio onde a pobreza e exclusão social predominam.

Independentemente de suas histórias, o que todos estes indivíduos têm em comum após inúmeras dificuldades pela falta de escolarização, é a compreensão da importância do acesso ao conhecimento e, paralelamente, a dificuldade em retornarem ou iniciarem a escolarização.

Desta forma, ao efetivarem a matrícula, cientes de que os estudos ampliarão as oportunidades em suas vidas, encontram obstáculos voltados ao cansaço para conciliarem estudos com trabalho, outras responsabilidades familiares e, principalmente, a falta de identificação com as abordagens pedagógicas (GADOTTI, 2009).

É importante ressaltar que para que o aluno dê continuidade à escolarização e conclua os estudos com êxito, é preciso que cada conteúdo faça sentido em sua vida, sendo útil na vida cotidiana.

Neste sentido, Freire (2000) mostra que é preciso que o educador do EJA esteja atento às atividades desenvolvidas com o educando, considerando que não deve-se apropriar das mesmas didáticas comumente utilizadas no ensino regular.

É de suma importância que os educadores compreendam o perfil e contexto social do alunado, visando à adequação das propostas, em prol de uma educação de qualidade, que supra verdadeiramente as necessidades da demanda.

Todos os alunos, independentemente da sua idade, origem e classe social possuem uma bagagem de conhecimento do mundo externo que deve ser respeitada e contemplada, e são indivíduos avançados em relação ao público infantil, procurando através da alfabetização e escolarização, uma aprendizagem significativa, que gere crescimento pessoal e transformação social.

Dentre as abordagens pedagógicas, destaca-se o processo de letramento, que culmina em um novo significado para a alfabetização, considerando que trata-se de uma prática que contempla o meio social e a bagagem que cada aluno carrega, enriquecendo o processo educativo (GADOTTI, 2009).

Atualmente, embora seja reconhecido mundialmente por sua visão e contribuições pedagógicas, existem muitas críticas à respeito de seus feitos, como pode-se observar abaixo:

Também metodologicamente Paulo Freire é amplamente criticado por sua óbvia ênfase política e ideológica, em vez de pedagógica e educacional; pelas óbvias contradições de se dizer um "libertador" enquanto, na prá-

tica, promove doutrinação; pela a vagueza e o vazio prático em seus diversos enunciados; pela dúvida que há até mesmo quanto à originalidade de boa parte de seu trabalho (GADOTTI, 2009, p. 31).

Neste contexto, após conhecer a sua história é importante compreender a intitulada Pedagogia Freiriana, para aprofundar nas suas propostas, sobretudo no campo da alfabetização, para traçar, mais à frente, a sua proposta de educação igualitária e a sua viabilização na educação contemporânea.

2.1. A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

A Educação para Freire se faz uma Pedagogia crítica-educativa, não como modelo tradicional que dita regras, mas algo libertador por parte do educador e educando, seria um modelo educativo capaz de libertar o homem na condição em que vive na situação de opressão, com isso torna-se um sujeito pensante, crítico e capaz de mudar a realidade em que se insere na sociedade. Contudo surge um novo olhar para as práticas pedagógicas, assim como cita Gadotti (2009, p. 11):

A teoria e a prática da gestão Paulo Freire têm inspirado várias redes de ensino no Brasil, comprometidas com a educação crítico-emancipadora, capaz de tornar o aluno um sujeito ativo em seu meio, capaz de transformar a sua realidade através do acesso ao conhecimento e educação.

Paulo Freire com sua proposta de Educação Libertadora tornam o homem emancipado através da sua vivência e prática, levando suas experiências para a escola, a realidade concreta. Essa contribuição auxiliou ao surgimento de novas relações humanas e com a superação de antigas dicotomias.

Assim, entende-se que a Educação Libertadora de Paulo Freire anunciava uma pedagogia diferenciada, a educação popular, propunha mudanças práticas no ambiente escolar, defendia a aprendizagem a partir do conhecimento prévio do aluno, seu foco central era conscientizar o aluno sobre seu papel social.

Acreditava-se no homem como um sujeito de valores, suas experiências agregariam na sua educação, isso era um combate, a dominação e a opressão dos “desprivilegiados”, dentro de uma sociedade capitalista que os viam como marginais. De acordo com Freire (2011, p. 42):

Em uma sociedade cuja dinâmica estrutural conduz a dominação de consciência, a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes, os métodos de opressão não podem contraditoriamente, servir a libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a educação como prática da liberdade, postula, necessariamente, uma pedagogia do oprimido.

A libertação dos oprimidos depende da ação reflexão ação transformada em independência precisa-se conhecer a realidade para ser capaz de transforma – lá (FREIRE, 2011, p.96).

A socialização do homem e sua humanização que através da sua cultura o sujeito se renova, portanto da continuidade na história e sua construção em si. Gadotti (2009) criticamente analisa várias teorias pedagógicas e inspira-se em Paulo Freire, para suas metodologias da escola no ensino e aprendizagem.

Ser fiel a Paulo Freire significa antes de mais nada, reinventá-lo e reiventar- se com ele. Nisto consiste a superação na dialética: Não é nem cópia nem a negação do passado. É a sua transformação, a conservação do que há de fundamental e original nele, a elaboração de uma síntese qualitativa (GADOTTI, 2009, p. 11).

Segundo Freire (2000) a escola não é somente um espaço físico para impor uma edu-

cação gerenciada, "o saber necessário", também é proposta uma educação democrática dentro da Pedagogia Libertadora com enfoque na conscientização do sujeito oprimido e tem como consequência uma ação transformadora favorecendo a construção de cada um.

A escola precisa ser reencantada, encontrar motivos para que o aluno vá para os bancos escolares com satisfação, alegria. Existem escolas esperançosas com gente animada, mais existe um mal estar. Não acredito que isso seja trágico. Essa satisfação deve ser aproveitada para se dar um salto. Se o mal estar for trabalhado ele permite um avanço. Se for aceito como uma fatalidade, ele torna a escola um peso morto na história, que arrasta as pessoas e as impede de sonhar, pensar e criar. (GADOTTI, 2009, P. 12).

É preciso pensar em uma educação que esta na direção contrária a essa realidade, que atenda ausência dos princípios básicas da educação popular. Desta forma Freire (2000) afirma que ensinar não é somente transmitir conhecimento e sim proporcionar que o aluno aprende de dentro para fora.

É importante ressaltar que para que o aluno dê continuidade à escolarização e conclua os estudos com êxito, é preciso que cada conteúdo faça sentido em sua vida, sendo útil na vida cotidiana. No ensino regular já é comum encontrar alunos que afirmam que „nunca usarão determinado conhecimento trabalhado em sala de aula. Na Educação de Jovens e Adultos, não há tempo a perder, os alunos querem transformações em suas vidas a partir de conhecimentos que sejam aplicáveis e transcendam os muros da escola. Neste sentido, Freire (2011), complementa:

a verdadeira transformação a ser associada a erradicação do analfabetismo é a liberdade de um povo, é entender a necessidade desse indivíduo em se tornar digno, é o olhar para o novo, é a oportunidade que se esconde sobre as portas que já se fecharam para esse aluno, é a liberdade da autonomia, a liberdade da dignidade, a liberdade de suas próprias escolhas, é o direito de exercer seu papel de cidadão. Tudo se torna mais coerente quando se vê na alfabetização a chance de uma nova vida, não só pelo desejo humano, más também na questão sócio política e no desejo de ser alguém que retome sua esperança de vida (FREIRE, 2011, p. 40).

Segundo Brandão (2002, p.142), existem quatro posturas para refletirmos a respeito da educação popular, sendo que na primeira postura fala-se sobre reconhecer a educação popular por escolher uma educação que queremos, não é considerada uma visão de mundo, a prática pedagógica aconteceu em um momento histórico. É entendido como prática não cientifica.

A segunda postura é a importância cultural da educação popular, se encontra em movimentos sociais, é como um senso comum, não é visto como um viés político, militante, como somente pratica social.

A terceira postura é a relacionada na história da educação de alguns países da América Latina, principalmente no Brasil, principal referência Paulo Freire, que é a alfabetização dos jovens e adultos populares associados a projetos de alfabetização e ações comunitárias, foi reconhecido a nível internacional.

A quarta postura especifica a educação popular não foi uma experiência única, mas que "é algo ainda presente e diversamente participante na atualidade da educação entre nós" (BRANDÃO, 2002, p.142).

Nesse sentido, a educação popular não pode ser considerada como

(...) algo realizado como um acontecimento situado e datado, caracterizado por um esforço de ampliação do sentido do trabalho pedagógico a novas dimensões culturais, e a um vínculo entre a ação cultural e a prática política. A educação popular foi e prossegue

sendo uma seqüência de idéias e de propostas de um estilo de educação em que tais vínculos são reestabelecidos em diferentes momentos da história, tendo como foco de sua vocação um compromisso de ida e volta nas relações pedagógicas de teor político realizadas através de um trabalho cultural estendido a sujeitos das classes populares compreendidas como não beneficiários tardios de um "serviço", mas como protagonistas emergentes de um "processo" (BRANDÃO, 2002, p.141-142).

Na concepção freiriana o cidadão terá uma ação mais participativa no mundo, através da alfabetização e compreensão, ter uma consciência crítica, que fundamenta o seu estado emancipatório. Contudo a Educação Libertadora contribui para uma relação dialética entre o contexto histórico, social, político e cultural.

Na visão freiriana a educação bancária tem a referência da teoria tradicional do currículo, os estudantes são vistos como depósitos vazios, e são preenchidos pelos conteúdos dominados pelo professor, são vistos como sujeitos insistentes, mas se adaptam a sociedade, Freire dá condições de valores, de ações livres, conscientes, capazes de aprender criticamente a realidade que os cercam.

Por isso, Paulo Freire crítica a educação que não permite a consciência crítica, pois os alunos eram ensinados a memorizar os conteúdos e não a compreendê-los, na proposta tradicional os alunos são negados a realidade do processo educacional. Nesta perspectiva crítica a educação bancária e currículo, Paulo Freire mostra que,

O currículo padrão, o currículo de transferência é uma forma mecânica e autoritária de pensar sobre como organizar um programa, que implica, acima de tudo, numa tremenda falta de confiança na criatividade dos estudantes e na capacidade dos professores! Porque, em última análise, quando certos centros de poder estabelecem o que deve ser feito em classe, sua maneira autoritária nega o exercício da criatividade entre professores e estudantes. O centro, acima de tudo, está comandando e manipulando, à distância, as atividades dos educadores e dos educandos. (FREIRA, 2011, p. 97)

Para freire a partir dessa concepção bancária, se abre caminhos para Educação Libertadora e também uma ação dialógica que muda o autoritarismo da escola tradicional, pela democracia em todos os espaços e vivências de aprendizagens.

A Educação Libertadora fez com que os homens e mulheres se visem livres da opressão que os cercavam, professores e alunos se tornaram protagonista, juntos dialogam, interagem, constroem conhecimentos e se tornam críticos.

Assim, o método Freiriano voltado para alfabetização popular trouxe uma pedagogia Libertadora, Humanista e Democrática, contudo um marco na luta contra a opressão e a desigualdade social, na história da educação.

2.3 PAULO FREIRE E A REFORMAULÇÃO DAS PRÁXIS PEDAGÓGICAS

Dentre as inúmeras contribuições de Paulo Freire para a Educação, destaca- se o amplo olhar para o desenvolvimento do aluno enquanto cidadão critico, reflexivo e com visão de mundo, considerando a necessidade da revisão das práticas pedagógicas no ambiente escolar, sobretudo no campo da alfabetização, para que os conteúdos curriculares transcendam os muros da escola e sejam úteis, de fato, na vida do indivíduo, gerando transformação através do acesso ao conhecimento.

A alfabetização é um método de decodificação das palavras e das habilidades de leitura e escrita, que deve contemplar um processo de aprendizagem e não somente a tradução do oral para o escrito e vice-versa, visto que é preciso que o aluno estabeleça relação de inti-

midade com a leitura como à compreensão e expressão do que se leu (SOARES, 2008).

No entanto, os métodos comumente usados são defasados, visto que muitos docentes não estão preparados para atenderem essa demanda, criando alunos que sabem ler e escrever superficialmente, já que não são críticos nem reflexivos a partir de tais ações.

Conforme cita Soares (2008) as práticas tradicionais são muito superficiais e trabalham apenas a decodificação, fragmentando o processo de alfabetização, o que confere uma formação superficial aos alunos.

Dessa forma, aponta-se que a alfabetização necessita do "uso adequado dos materiais didáticos, e uma postura política diante das implicações ideológicas do significado e do papel atribuído á alfabetização." (SOARES, 2008, p.25).

Sendo assim, há uma nova proposta que visa contemplar essa necessidade de leitura da escrita com a leitura de mundo, unindo então a alfabetização às práticas de letramento. Neste sentido, o letramento apresenta-se na perspectiva de mudança em relação a criar o aluno crítico, reflexivo e inovador. Para Kleiman (2005, p. 14):

O letramento não é um método, mas um envolvimento com o mundo da leitura e da escrita. Não é alfabetização, mas a inclui. Letramento e alfabetização estão associados, sendo que a alfabetização é uma das práticas sociais de uso da escrita da instituição escolar logo tem características específicas diferentes das do letramento, mas é parte integrante dele. A autora ainda considera a alfabetização como prática escolar essencial: ser alfabetizado é poder participar de forma autônoma das muitas práticas de letramento (KLEIMAN, 2005, p.14).

É válido afirmar que essas práticas vão passando por um processo de evolução de acordo com as necessidades sociais, no entanto a alfabetização e letramento são processos indissociáveis, porém, diferentes, visto que uma pessoa pode ser letrada, mas não necessariamente alfabetizada.

O letramento social no contexto da leitura da necessidade diária é diferente do letramento escolarizado que é voltado ao objeto pedagógico. A escola ainda se apresenta como ambiente propulsor da leitura e da escrita, mas não garante uma participação efetiva do uso da leitura e da escrita no contexto social (FARIA, 2004).

Segundo Soares (2008), a bagagem que o aluno carrega quando chega na fase escolar faz parte desse processo de letramento, por exemplo, o aluno possui uma memória visual das leituras externas: outdoores, logotipos, marcas famosas, etc, desta forma, pode-se trabalhar a relação da grafia com o conhecimento de mundo que ela carrega . Assim também esse tipo de relação pode ser aplicado na alfabetização e letramento dos adultos como um novo modelo de proposta pedagógica, então ressalta-se que:

[...] os alunos devem alfabetizar-se quanto ás suas próprias histórias, a experiências e á cultura de seu meio ambiente imediato. Por outro lado, devem também apropriar-se dos códigos e culturas das esferas dominantes, de modo que possam transcender a seu próprio meio ambiente. [...]" (FREIRE, MACEDO, 2011, p.79).

O letramento é um conceito que se refere aos usos da língua escrita não somente no ambiente escolar, mas em todo lugar. Dessa forma, quando o aluno é ensinado a ler e escrever, ele deve ser ensinado prioritariamente a exercer as práticas do letramento na sociedade, estando então, em processo de letramento constante (KLEIMAN, 2005).

Freire (2009) defende que o uso de cartilhas é ultrapassado e os alunos da EJA devem aprender através de palavras geradoras que são palavras do cotidiano, da cultura e da vivência, ou seja, do contexto social onde estão

inseridos. Como exemplo, Soares (2008), em seus estudos, exemplifica as palavras geradoras dos alunos que vivem no Rio de Janeiro, sendo estas: favela, comida, batuque e salário. Por intermédio da inserção do contexto social do aluno às práticas de ensino, a alfabetização acontece de maneira efetiva, visto que o processo é muito mais amplo que a decodificação, já que as conexões entre objeto de estudo e vida cotidiana são estabelecidas.

Neste sentido, Soares (2008, p. 89) complementa: „quando o aluno se identifica com o objeto de estudo e entendo o seu uso fora da escola, passa a compreender e desejar ter acesso ao conhecimento. O Professor da EJA deve investigar a preferência do seu alunado, para que possa trabalhar com gêneros mais próximos da sua realidade, por exemplo, se é uma escola de zona rural as música sertanejas são atrativas para se explorar.

Já no caso de alunos de zonas periféricas, o rap possui imensa contribuição para a criticidade e visão do sistema, problemáticas das favelas e até mesmo incentivo à realização de sonhos.

Dessa forma, os textos com palavras desconhecidas podem ser substituídos por revistas, jornais, receitas, cartas, entre outros. No entanto, é importante ressaltar que a ideia não é limitar o aluno a um tipo de conhecimento, e sim partir da linguagem familiar para sensibilizá-lo para a aprendizagem.

Dessa forma, conforme o aluno vai construindo conhecimento, novas linguagens e conteúdos são apresentados. Soares (2008) corrobora mostrando que a partir do momento que os alunos já possuem intimidade com a leitura e escrita parte-se para a apresentação de outros gêneros literários, construindo assim o interesse por leitura de jornais, livros, poemas, literaturas e outros, pois partir de um gênero textual mais complexo desestimula o aprendiz por não ter domínio e compreensão do que se lê, é por isso que as ideias freirianas vão de encontro com essa metodologia de letramento.

Segundo Silva e Souza (2015) o professor tem que se preocupar em fazer toda a preparação da aula para que a mesma seja explorada e observada pelos alunos. Assim, deve-se fazer uma sondagem e ter um olhar diferenciado para cada aluno, levando em conta o amplo conhecimento de vida que cada um traz.

O professor também deve transferir o conteúdo, em todas as suas modalidades, de forma clara, proporcionando fácil entendimento, para que o aluno absorva e entenda o que está sendo apresentado a ele, fazendo com que ele passe a ser mais crítico aos acontecimentos a sua volta.

Soares (2008) cita que é fundamental que o professor conheça verdadeiramente seu público para utilizar da mesma linguagem, com o objetivo de sensibilizá-los ao conhecimento.

De acordo com Freire apud Silva e Souza (2015), no que diz a respeito ao assunto da identidade cultural do indivíduo, em que ele busca a estrutura para se concretizar, através do conhecimento e da expectativa, trocando informações dentro da sala de aula, o cidadão, tem seus direitos adquiridos na sociedade, buscando encontrar melhorias de vida.

Nota-se que apesar das práticas educativas serem eficazes para construir um alunado alfabetizado e letrado, ainda é comum abordarem uma leitura utilitarista, ou seja, que formam cidadãos para atender a demanda do mercado de trabalho.

Neste caso, o ensino é mecanicista e não prioriza a cultura e vivência do aluno como fator importante da construção do “eu” de cada um, tornando-os analfabetos funcionais, que aprendem superficialmente e reproduzem informações sem criticidade, pois não assimilaram verdadeiramente, apenas agiram como receptores para integrarem a sociedade industrializada (FREIRE, MACEDO, 2011, p.178).

Para que as propostas sejam efetivadas é necessário que os professores que são transmissores do conhecimento passem a colocar essas práticas em sala de aula sem menosprezar as peculiaridades do alunado desse segmento, pois o professor necessita de uma postura diferenciada diante a sala, um olhar mais carinhoso e humilde para suprir as necessidades da demanda.

Entende-se que ao considerar que as práticas de ensino devem ser revistas e trabalhar o aluno em sua totalidade, não limitando-o somente a um ensino mecanizado. Dessa forma, é importante ressaltar que os professores precisam de formação adequada para trabalharem a amplitude do processo educativo na Educação de Jovens e Adultos.

Hoje sabe-se que a alfabetização vai muito além de saber escrever pequenos textos e ler algumas frases: é preciso formar cidadãos críticos, reflexivos e com visão de mundo, que sejam transformados pelo acesso à educação e obtenham êxito em suas conquistas, mudando a realidade daqueles que foram excluídos pela sociedade ao longo da história.

3. CONCLUSÃO

Com a contribuição dos renomados teóricos evidenciados durante a pesquisa, foi possível verificar que Paulo Freire significou um marco na educação brasileira. Embora tenha sofrido críticas e até mesmo repressão, uma vez que seus ideais se chocavam com a fase da Ditadura Militar, todas as suas contribuições foram de grande valia para a criação de um novo olhar sobre a escola, processo educativo e principalmente o professor enquanto agente de transformação.

Neste contexto, os objetivos do estudo foram alcançados uma vez que ao compreender a proposta de Educação Libertadora, ficou evidente que Paulo Freire estudou e disseminou maneiras de tornar a escola mais alinhada a realidade do aluno, para que esta de fato fosse capaz de sensibilizá-lo ao conhecimento e, com isto, o próprio aluno se tornar capaz de transformar a sua própria história de vida e realidade.

Por fim, concluiu-se que a escola é fundamental ao desenvolvimento humano, contudo, precisa constantemente rever seu papel para que os conteúdos transcendam os muros escolares e sejam valiosos para a vida do indivíduo, uma vez que para Paulo Freire a educação deve servir para tornar os alunos críticos, reflexivos e com visão de mundo.

REFERÊNCIAS

BRANDÂO, C.R. De Angicos a Ausentes: 40 anos de Educação Popular. Porto Alegre: Editora Corag, 2001.

BRANDAO, C. A educação popular na escola cidadã. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

CORTELLA, M.S. Paulo Freire: um pensamento clássico e atual. Revista e Curriculum, São Paulo, v.7, n.3, p. 1-14, set./dez. 2011.

FARIA, A. F. Identificando os sujeitos da educação de jovens e adultos no município de Presidente Prudente-SP. 2004. Disponível em: http://forumeja.org.br/gt18/node/4545. Acesso em: 28 de Julho de 2019.

FREIRE, P. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000

FREIRE, P. Alfabetização: Leitura do Mundo, leitura da palavra. Staº Ifigênia: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. Pensamento pedagógico brasileiro. 8º ed. rev.,e ampl. – São Paulo: Ática, 2009.

HADDAD, S; PIERRO, M.C. Escolarização de Jovens e Adultos. Revista Educação. São